



O Intercâmbio

Viviam-se priscas eras. O distante 1960 corria com os percalços de todos os anos. Por coincidência iria presidir o Centro Acadêmico “Rocha Lima”, confuso, problemático, mas sem naufrágios aparentes a vista. Seríamos avisados pelo Diretor Zeferino Vaz, que ainda no ano escolar vigente iríamos contar com um aluno a mais. Apesar do curso em andamento, por “obrigações políticas e diplomáticas (sic)”, iríamos ter um aluno extra. Seu currículo fora analisado pela direção da USP.

- Outra decisão nos será imposta – avisara Zeferino. Mas é um pobre expatriado. Vem de longe e traz excelentes credenciais. E não adianta chiar!

- E de onde e quando chegará a “fera”?

- É um dos fugitivos da última “primavera de Praga”. Estudava Medicina – brilhantemente. Entrou na luta anticomunista. Perdeu. Com imensas dificuldades fugiu para o Brasil. Procurou a USP. Teve seu curso reavaliado. Em dez dias frequentará e terminará o nosso terceiro ano. Tudo perfeito e honesto. Nada haverá para obstaculizar as decisões ‘uspeanas’. Certo? – falara nosso radiante Diretor.

- Bem, vejamos a recepção de intercâmbio. Já recebemos de tudo: venezuelanos, bolivianos, nicaraguenses, colombianos, paraguaios e agora um europeu evadido do leste. Só recebemos! Ninguém nos ausculta com antecedência. Nossos compatriotas ‘gramam’ em novos vestibulares e acabam desistindo.

A compaixão brasileira é trágica. Tenha certeza que, a julgar pelo que se nos têm oferecido – outro “velhaco” – aponta por aí. E será por oposição! De cima para baixo! Como sempre! Acredite, Dr. Zeferino – há falcatuas grossas nesses intercâmbios, seria minha única bronca.

- Não neste caso! É um foragido da “Guerra Fria”. Poderá até ser um gênio. Dêem-lhe créditos! – diria o Diretor.

- Então, comece pelo vestibular. Chega de concessões. O futuro dirá... Seriam minhas últimas palavras.

- Não esqueça a “diplomacia”! Temos tratados “internacionais”... Terminaria o Diretor.

Mais alguns dias e chega o estudante de Praga. Como sempre, fora muito bem recebido pela turma. Seu primeiro contato com o Centro seria auspicioso. Tentaria falar português. Seus trajes eram simplórios – parecia mesmo um pobretão da vida. Iria receber a carteirinha de sócio do CARL, com todas as regalias. A reunião fora calorosa, embora, aceito associado do diretório por apenas um voto de diferença.

O corpo docente era todo elogio. Seu desempenho no final de ano fora irrepreensível. Recebera ótimas notas. Conhecia muito bem Semiologia. Opinava com maestria sobre Terapêutica. Divagava com total e profundo raciocínio a respeito de Fisiologia ou de Patologia. Os professores passariam a dedicar-lhe muito respeito.